



# VULCÂNICOS SOBRE\_VIVENTES: Notas Suss\_Urradas a partir de Vulcânico PaLavrador, de AB

---

DIOGO MARQUES

MATLIT LAB: Laboratório de Humanidades, FLUC

---

DOI: 10.34640/universidademadeira2022marques



*Em arte  
não há nada mais inútil que a verdade.  
E algures esta inutilidade  
não se reserva apenas à arte,  
mas a toda a realidade.*

António Barros

No princípio era o magma. Depois veio a lava. E só muito mais tarde o *logos*, o verbo que se fez carne, a dor, a palavra, a dor (d)(n)a palavra, e o *légo*, que arruma, reúne, coloca na ordem, escolhe, conta, reconhece, mas, mais do que tudo, diz (ou quer dizer), porque é linguagem. Eu digo, porque quero dizer, que foi assim que tudo começou. Na(s) volta(s) da linguagem.

À medida que a lava avança no mapa<sup>1</sup>, (con)some(m-se) história(s) e memória(s)<sup>2</sup>. Porém, essa lava que tudo leva, não deixa de se afirmar na sua perfeição alquímica, na (con) fusão dos 4 elementos, numa espécie de ironia vulcânica tão natural quanto refinada. Dizê-lo parece sempre muito mais simples: do velho cume surge a nova fajã. Na criação de território inexplorado, outro porto de abrigo, agora extensão do que outrora terá sido “casa”, sítio, lugar.

Esse gesto duplamente destruidor e criador, centrípeto e centrífugo, verdadeira força motriz que tudo engole e regurgita. Já o referia Aristóteles, ao olhar para a forma como uma roda avança ao mesmo tempo que parece recuar. Tradição e inovação. Tensão dialéctica. Serão estes os mesmos gestos que caracterizam a a(r)titude experimentalista inerente ao movimento de um ponto AA para um ponto AB?<sup>3</sup>

<sup>1</sup> <https://elpais.com/ciencia/2021-10-10/mire-cual-seria-el-efecto-en-su-ciudad-del-volcan-de-la-palma-que-obligara-a-redibujar-los-mapas.html>

<sup>2</sup> <https://www.eldiario.es/busqueda/volc%C3%A1n>

<sup>3</sup> E, por que não, o Paradoxo de Zenão?





Pegue-se num velho sapato<sup>45</sup>, objecto do quotidiano que perde a sua função original e utilitária de resguardar o pé do contacto com o solo, dando lugar a um *obgesto* po(i)ético capaz de fazer caminhar e pensar (o caminho)<sup>6</sup>.

Pegue-se num prato de sopa<sup>7</sup>. Da plasticidade húmida do barro à extrema dureza da matéria após a cozedura a mais de 800 graus centígrados<sup>8</sup>, nascem ArteFactos, que são também receptáculos para palavras elegíacas prontas a comer. Palavrofagia. Plagiotropia. Um rito. Ou *gRito*. Arte e Facto. *Obgestos* e *Progestos*<sup>9</sup>.

Pegue-se, por último, num antigo retrato. Exercício de experimentalismo etnográfico. Presença e ilusão; realidade e ficção; espelho, claro, e também mediação. *Ambi\_valência*: “Não há nada mais inútil do que a verdade”<sup>10</sup>. É verdade. A lava que lev(ed)a a memória. A leva(da) que lava a história. Rostos sulcados, lavrados, abertos a novas interpretações. A novas genealogias. A novas raízes. A novas famílias<sup>11</sup>.

Tenho para mim que o *suss\_urro* da família, [da poesia, da linguagem], é idêntico ao *suss\_urro*

do vulcão. Esse rumor. Criador e destruidor de tudo. Alquímico. Gene\_síaco e apocalíptico. É ali que tudo acaba e ali que tudo começa. Todos filhos herdeiros de Vulcano, e, como o deus, fora do céu, coxos, ainda que, tal como reza a lenda, eternos amantes da beleza.

### Sobre\_Viventes.

Ainda a propósito do retrato de família. Costuma dizer-se, num misto de brincadeira e de seriedade, que “família não se escolhe”; família (es) colhe, família suga, família fere, família mata, e família (re)trata; família urra, família esmurra, família zurra, família surra, e família curra. Família cura. Família cola. Família cala. E, por\_tanto, (con) sente.

...

Paira um silêncio ensurdecedor sobre o vale. Se vulcão houve, encontra-se extinto. Ou, dir-se-ia, “apenas”, adormecido? Calhou-nos como legado a rocha de Sísifo. À espera, talvez, de quem ofereça as costas ou dê o peito a tamanha empreitada? Está por contar? Estão por dizer? *As palavras (que ainda não foram) ditas*<sup>12</sup>. *Palavras mal\_ditas*. Palavras sempre melhor pior ditas. Lavre-se.

Uma última nota de (re)leitura: Falo de AA, como falo de AB, como falo de AC, de AD... ou de AH. (Es)Colham-se as letras e recombinem-se as vozes. Figura especular, um retrato de nós será sempre um *retrato com AA lá dentro*. Para nos assombrar.

<sup>4</sup> *Sapato de defunto* ou de *sobre\_vivente*, não vem agora ao caso.

<sup>5</sup> <https://po-ex.net/taxonomia/materialidades/tridimensionais/antonio-barros-com-pes-de-vegecio/>

<sup>6</sup> <https://po-ex.net/taxonomia/transtextualidades/hipertextualidades/e-m-de-melo-castro-caminho-e-penso/>

<sup>7</sup> <https://po-ex.net/taxonomia/materialidades/planograficas/antonio-barros-vulcanico-palavrador/>

<sup>8</sup> Dos tijolos e telhas com que se constrói uma casa enquanto extensão do (bem) estar aos semicondutores utilizados em máquinas prótese enquanto amplificações do ser.

<sup>9</sup> [https://po-ex.net/taxonomia/transtextualidades/metatextualidades-alografas/antonio-barros-progestos\\_obgestos-1972-2012/](https://po-ex.net/taxonomia/transtextualidades/metatextualidades-alografas/antonio-barros-progestos_obgestos-1972-2012/)

<sup>10</sup> <https://barrosantonio.wordpress.com/2020/08/20/em-arte-nao-ha-nada-mais-inutil-que-a-verdade-ou-artitudes-e-para-que-o-eu-nao-se-destrua/>

<sup>11</sup> <https://po-ex.net/taxonomia/transtextualidades/metatextualidades-autografas/antonio-barros-da-poesia-urro-ao-silencio/>

<sup>12</sup> <https://po-ex.net/taxonomia/transtextualidades/metatextualidades-autografas/antonio-barros-entre-dois-cais/>